



POVO ALGARVIO

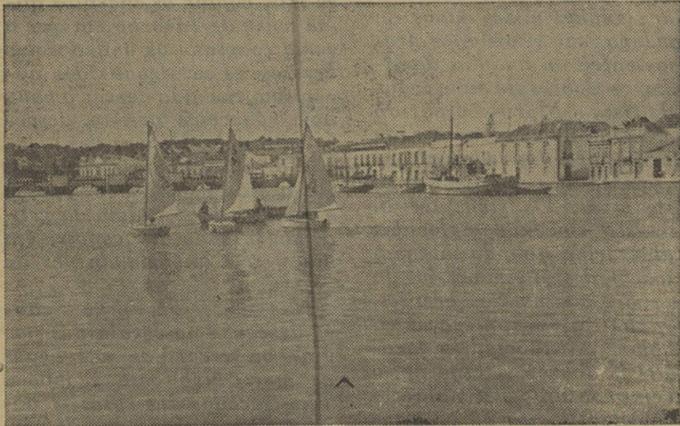
SEMANARIO REGIONALISTA

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

A música da cidade

Cada cidade, como cada homem, tem uma alma. É na alma da cidade, como na alma humana, existe a música.



Um lindo aspecto do Rio Gilão

A cor, composta de luz, ilumina a fisionomia da cidade. A música comanda o seu movimento rimado e certo, ao rigor do compasso.

Em cada dia se repete a sinfonia, sempre nova e bem orquestrada, que nasce nos campos e no mar, percorre as mais miúdas artérias em harmonias graciosamente executadas que vêm morrer no coração da cidade.

O vento, manhanita cedo, começa o prelúdio nos ramos das árvores, tangendo-as com o plectro afinado nas ondas do mar largo; crócalos e sistros têm a miude; percutem tím-

Continua na 2.ª página

Sessão Recreativa

no salão de festas de S. Brás

Promovida pela sr.ª D. Maria Francisca Picoito, que foi coadjuvada pela sr.ª D. Elisa da Visitação Gomes, Auxiliar Social ao serviço da Escola de Pesca desta cidade, realizou-se no passado dia 30 uma sessão recreativa, desenhada por crianças filhas de pescadores, no salão de festas da igreja de S. Brás.

Os acompanhamentos musicais foram executados pela sr.ª D. Maria Joaquina Sanchez e a festa, de carácter recreativo e educativo, apesar de dedicada às famílias dos pescadores, teve uma assistência numerosa.

QUANDO OS GRILOS GRILAM...

Carta aberta aos pontífices da literatura portuguesa

COISA há muito fora assente no secreto areopago onde se forjam as celebridades que convém forjar. Assente sim, mas não suficientemente teatral, não bastante verosímil. Mas os «talentos» geniosos que desbaratam sua mediocridade pelos jornais, reuniram e pensaram. Brotou-lhes então um luminoso

por M. Rio



NO próximo domingo, dia 6, será aberta ao público, pelas 12 horas, a exposição dos alunos, referente ao Natal e ao Dia da Mãe.

A esta Escola Técnica de Tavira, foi entregue a função de inspecção dos 15 núcleos de ensino de aprendizagem agrícola no Algarve.

As aulas reabriram, na manhã do passado dia 3, com toda a normalidade.

Continua na 2.ª página

Os turistas dinamarqueses tomaram banho em Dezembro no Algarve e acharam a água maravilhosa

No passado e frígido mês de Dezembro, turistas dinamarqueses que estiveram no Algarve, tomaram banhos nas nossas praias e acharam a temperatura da água maravilhosa.

Mal chegaram a Copenague, escreveram directamente para a Pensão Albufetrense, onde estiveram hospedados, solicitando que a sua proprietária lhe enviasse folhetos de propaganda do hotel (desdobráveis, preços e fotos) em postal endereçado directamente ao InterTur (Branch).

Apesar da onda de frio que avassalou a Europa e que também se fez sentir no nosso País, foi no Algarve onde se registaram as mais altas temperaturas.

Não é, pois, infundadamente que se afirma que o Algarve goza de um clima excepcional.

TROVA

Baixinho. Ninguém nos ouça,
Pra que não dê o cavaco!
(Se a virtude fosse loiça,
Já não, tinha nem um coco).

Augusto Gil

A Pátria não é peça de jogo nas mãos de desordeiros

Nação atravessa uma das mais graves crises da sua história de séculos. É preciso que todos os portugueses se compenentrem da gravidade da situação. O roubo escandaloso da nossa querida Índia, a guerra que nos foi imposta em Angola, a campanha anti-portuguesa que tem a sua sede nesse miserando areópago internacional denominado O. N. U. são elementos que sobram para atestar a gravidade do momento e que está em curso uma longa ofensiva contra Portugal. Todos devemos tomar consciência desta situação, não somente basta tomá-la cruzando os braços num pessimismo exagerado, mas, tomar cada um no seu próprio meio uma posição de ataque a um estado de alerta contra todos aqueles que muito embora usem o nome de portugueses se congratulem com os êxitos do inimigo. O comunismo na sua luta contra

por Francisco Duarte de Almeida

Continua na 3.ª página

O CAMINHO E A ESTRELA

Deixemos os Reis caminharem em paz, seguindo o astro profético.

Deixemos esses que simbolizaram o dever dos poderosos para com os humildes e caminhemos nós (é a nossa vez de caminhar) no museu da História, pelas salas extensas onde, em vitrines que são biografias, se obrigam os reis envoltos na vestimenta que o historiador lhe quis oferecer.

Pela Imprensa

«Ecos de Belém»

Completo 30 anos de existência o nosso prezado colega, «Ecos de Belém», semanário bairrista, fundado pelo sr. António Vieira.

Enderençamos as nossas felicitações ao seu ilustre director, sr. Custódio Baptista Vieira, e a quantos trabalham naquele semanário, com votos sinceros de muitas prosperidades para o seu jornal.

«Jornal de Barcelos»

Entrou no XIV ano de vida este nosso prezado colega, semanário atóxico e regionalista acérrimo defensor dos interesses de Barcelos, dirigido pelo rev. sr. Padre Alberto da Rocha Martins.

Por tal motivo endereçamos as mais cordiais saudações com votos de muitas prosperidades.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Temas Ultramarinos

Linha de Rumo...

NÃO interessa neste momento, saber qual a ideologia que caracteriza todos e cada um dos portugueses; não interessa, igualmente os agravos sofridos por este ou aquele português. O que importa averiguar é se todos os portugueses estão dispostos a cumprir a sua «linha histórica», em holocausto a esta Nação de vários continentes e diversas etnias, a esta Nação de todo o Mundo e de Deus — a Portugal.

«Linha histórica» não é o o «elogio» do passado ou a apresentação dum «provir» cheio de alegria, progresso e riqueza; «linha histórica» é, sobretudo, a maneira de servir a Pátria no presente em dádiva total, sem escusas cobardes ou subterfúgios traiçoeiros, servir a Pátria no presente — Continua na 2.ª página

Aliança Francesa

Avisam-se os interessados de que deverão apresentar-se na Biblioteca Municipal, na próxima terça-feira, dia 8 do corrente, pelas 18 horas, para efeito de inscrição e organização das turmas.

Em princípio ficou assente que as aulas deveriam funcionar em dois períodos, respectivamente das 17,30 às 18,30 horas e das 18,30 às 19,30 porém, consoante as conveniências e os problemas particulares de cada um, serão fixados os dias e os respectivos horários.

Segundo nos informam o número de inscrições excede o último ano. Não será demais voltar a lembrar de que os cursos taverenses do último ano lectivo foram os melhores do Algarve.

Atividades da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve elaborou o seguinte programa de actividades culturais e recreativas para Janeiro de 1963:

Em 6, 12, 20 e 27 — Tardes algarvias, com escolhidos conjuntos musicais;

Em 10, quinta-feira, às 21,30 — Inauguração do novo ano cultural, com uma conferência do professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, antigo deputado à Assembleia Nacional, membro da Comissão instaladora dos estudos gerais universitários de Angola e Moçambique e vice-presidente da Comissão Cultural da Casa do Algarve, sr. Dr. Délio Nobre Santos, sobre o tema «O sentido ecuménico da cultura portuguesa e os descobrimentos marítimos», ilustrada com projecções;

Em 16, quarta-feira, às 21,30 — Homenagem à memória do notável escritor algarvio Dr. Júlio Dantas, com um espectáculo-estrela do «Grupo de Cultura Teatral», constituído pela leitura interpretativa da peça «A Ceia dos Cardeais» precedida de breves palavras sobre o autor; pela representação do «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente, em encenação de Carlos César, director do Grupo, de que fazem parte Fausto Correia, Ruy de Matos, Alexandre Passos, António Henrique, António Marques, Pedro Pinheiro, João Cascais, Ruy Telles, Maria José, Celina Fernandes, Romano Angelo, Francisco Ferro, Orlando Molery, Gama Pereira, e Victor Sénico, e por um recital de poemas;

Em 24, quinta-feira, às 21,30 — Conferência sobre o tema: «O problema nacional dos Deficientes Mentais: aspectos psicopedagógicos e sociais. O Algarve no enquadramento nacional», pelo professor das classes especiais do Instituto Dr. Aurélio da Costa Ferreira e director-fundador dos colégios de reeducação pedagógica, masculina e feminina, da Praça do Areeiro, sr. Vasco Marques Coelho, também ilustrada com um filme.

ESTE SEMANARIO
E TRANSPORTADO
PARA TODO O PAIS
NOS COMBOIOS DA



O «Savannah», o primeiro navio mercante accionado a energia atómica, passa em frente ao edificio da Câmara de Savannah, no Estado da Georgia, E.U.A., durante a primeira visita ao seu porto natal. A moderna unidade desloca 22.000 toneladas e tem o mesmo nome do primeiro barco a vapor que atravessou o Atlântico. Na Câmara existe uma placa comemorativa da partida do primeiro «Savannah», em 1819.

QUANDO OS GRILOS GRILAM... Linha de Rumo... A música da cidade

Continuação da 1.ª Página

cio, atiram à terra as pequenas mandíbulas e furam, abrem luras. Buraco aqui, buraco além, em todos os sentidos o terreno é minado à superfície. Depois, quando as noites são mais cálidas, saem ao brejo e, quando tudo dorme, grilam, grilam um interminável slogan... gri-gri... Não gostam? Tanto pior. Eles continuam grilando até impor aos ouvidos profanos o seu gri-gri. São teimosos até cansar. Repetem, insistem, até que todos comecem, por reflexo paramnésico, também a grilar... ou que aceitem esbodegadamente o seu irritante gri-gri...

Pois bem, so talentos fizeram-se «grilos»... Conceituados, claro. Não conseguem voar? Saltam. Não conseguem destruir? Furam. Não podem fazer sinfonia? Grilam. E não obtêm individualmente o que desejam? Grilam em conjunto, até impor o seu canto. Mas, grilos sem a capa preta da erudição, não seriam grilos... Os grilos são pretos e brancos, conforme os sítios. Pois bem, eles também são branco ou preto conforme as circunstâncias. E qual a força de conferir erudição e mestria? Uma escola, uma tertuliazita, um partido. Realismo. neo-realismo, surrealismo, impressionismo, simbolismo, «nouvelle vague» (não se deve dizer nova vaga, que não é chique), esquerdismo, vanguardismo, ismo... ismo... muito ismo... É como o povo não liga a preciosismos, vá de inventar prémios literários que dêem oportunidade para grilar. Não há «estrume»? Pede-se a um «lavrador». Mas grilar é que tem de ser... E nascem os prémios. Para já, poesia e teatro. Eles pensam. A Gulbenkian dá. Faz-se regulamento, nomeia-se júri que grille, pelo menos em maioria e, enquanto se aguarda, reúnem os grilos do júri e os grilos que fazem e apoiam juris. Pronto, rapazes (os grilos embora fujam quando sentem passos, são corajosos pois grilam muito...) já sabeis, o prémio é para o nosso amigo do «luar»... Apareça o que aparecer, aquela peça é mesmo a que está a jeito para os nossos intuitos filosóficos... dizem alguns grilos dos mais furiosos... e tudo acaba. Porém, tratando-se de gente insuspeita, de valor firmado nas impressões daquém e da-lém mar, há que prestigiar as aparências. E então toca o júri a reunir, às tantas de tal, para decidir e anunciar ao grande público. A hora de grilar... Alguém, porventura, terá objectado que seria perigoso premiar uma mentira e uma farsa histórica, onde o oportunismo político é demasiado evidente para não demonstrar a inverosimilhança... feita com habilidade, sem dúvida, fácil de representar no nosso teatro de crise permanente, documentário a fingir ser de ontem mas sendo apenas de hoje e para hoje, muito embora um «grilo» dissesse que a dita peça é «justeza das alusões que transcendem o tempo e estalam como chicotadas»...

(Quanto vale ter amigos talentosos em certas redacções!)

Alguém terá dito que já constava, meses atrás, por mesas de cafés e outras sem café, que aquilo era «garantidinho» o prémio ia para o «luar». Toda a gente do teatro andamaluca com a coisa que vinha mesmo a calhar... que ainda não se sabia dos outros, de todos os concorrentes, mas aparecesse o que aparecesse, os cinquenta contos eram para o «Luar». Aquilo era de galvanizar as plateias... portanto alguém teria dito na assembleia que, embora os talentos e as autoridades fossem monopólio dos «grilos» sempre ha-

via um esperto que não grilava e podia o público aperceber-se da burla... houve barulhos na douta assembleia. Que diabos! Andara toda uma sociedade mais de cinco anos à procura afanosa, exclusiva, concentrada de cinquenta contos e ia a massinha por fora do nosso «ismo»? E que fazer à propaganda subreptícia já feita? Não podia ser. «Luar», «Luar» é que é preciso. Por mais o autor estava a contar com o prémio e não era lícito desapontá-lo... Longas noites de estudo, livros e livros de história lidos, uma mentira habilmente architectada, ao gosto dos teatros dos Rossios, não valiam cinquenta contos? Sobretudo não desapontar o rapaz que mandara imprimir no final do seu livro que era um concorrente ao prémio Gulbenkian. Se não fosse premiado, toda a gente ficaria a saber que ele concorrera e... nada. Depois aquela humanidade, aquele novo humanismo, chocante, dramático, anti-dramagógico que escorre deste naco de prosa eterna: «Um livro não é, apenas, obra do seu autor, já que sem a colaboração, a competência profissional, por vezes, a boa vontade de outros homens, essa obra nunca chegaria a concretizar-se.» E enumera depois, em agradecimento sincero os nomes do compositor mecânico, de compositores, impositores, encadernadores, etc. Tanta humanidade estava mesmo a calhar aos intuitos profundamente filosóficos dos «grilos»... Dizia a «letra com a coreta»...

Apareceram outros 20 concorrentes, que deram, em má hora, cinco livros cada um, para distribuir pelo júri. Mas esses não imprimiram que iam concorrer ao prémio. Nem fizeram humanismo no fim do livro. Nem estamparam logo as «críticas» dos senhores «Grilos» nas próprias capas dos mesmos livros. Vinte concorrentes que julgavam bastaria fazer arte. Arte, nos tempos que correm? Literatura vernácula? Espectáculo que não lisonjeie certas paixões de sempre? Novos caminhos que arraste públicos fugidios da arte teatral? Não. Os «grilos», de antenas sempre atentas ao que se passa pelas capitais estranhas (pelas capitais não, pelas caves...) consagrados há muito pelo mútu gri-gri, talentos que não dão seus maravilhosos frutos, fina flor dos Chiados, empresários da beleza (alguns dizem que a beleza não é mulher...) eles podiam lá admitir outros conceitos que não os seus? Admitir que desconhecidos venham dar-lhe lições? Que gente refractária à família grilida aprecie ainda Sofocles, Goethe ou Shakespeare? Que se volta para o passado e o ache interessante? Que se volta para ele e o respeite? Que venere figuras que não se prestam a determinados fins políticos? Que goste de arte perceptível? Que faça arte pela arte? Que chame assim pelo brilho da forma, pela graça do conceito, pela profundidade da ideia, pela grandiosidade funcional do conjunto, pela arquitectura de linhas, pelo choque combinado das paixões?

Meus Exm.º «grilos», que afirmas escritores, jornalistas críticos, poetas, ensaístas, etc. etc., que manobrais alavancas de certas sociedades, grupos e partidos, já vos havia incluído na dedicatória de meu «Príncipe de Sagres» e também no prefácio. Sabia de vossa existência, pois não sois indivíduos, sois geração após geração. Vindes de longe. Já Camões, Gil Vicente, Vieira Camilo, Eça e tantos outros se queixavam que havia muitas rãs coaxando no charco. Haveréis de continuar honrando as tradições de vossa im-

Continuação da 1.ª Página

sente; mas de que forma e em que medida?

A resposta a esta pergunta será dada pela consciência, e espírito de missão, de todos e cada um dos portugueses, dentro do vasto campo em que se pode servir «dignamente» a Pátria, sem que, ao fazê-lo, tenhamos de abdicar de ideologias determinantes das várias formas políticas que possamos revestir.

Na vasta problemática que informa a actual conjuntura nacional, atinge posição muito especial a situação do Ultramar.

O Ultramar que é, sem quaisquer dúvidas, o «coração» do todo o Nacional; carregado de ameaças, sôfrego de investimentos, desejoso de Paz, o Ultramar espera de toda a Nação um supremo esforço em vista de adquirir as infra-estruturas, e ainda, o clima propício para a sua total realização que há-de garantir num futuro próximo melhores condições para todos os portugueses, condições que se revelarão, sobretudo, nos campos social e económico.

Dentro das necessidades vastas dos territórios de Além-Mar, todos têm uma tarefa a desempenhar, grande ou pequena, essa tarefa terá de ser realizada, com melhor serviço que deveremos prestar ao todo Nacional e, ainda, ao nosso irmão de cor, ansioso por um convívio de nível franco, convívio que ele, inteiramente, merece.

Desde o povoador, que ruma às Áfricas em procura de melhor vida, ao soldado, que garante em terras longínquas a perenidade da Nação, todos têm uma missão a cumprir, missão que se pode e deve sintetizar, em três palavras — fazer muita Portugalidade.

Assim, que nenhum português atraia o seu dever, o seu espírito de missão — a sua «linha histórica».

Mais tarde, os vindouros, ao recordarem os «lrmgs» da atitude portuguesa do presente, hão-de compreender que na época actual, nem tudo estava falseado; havia uma «coisa» que se tinha imposto a um Mundo cheio de contrariedades e incertezas — a certeza de Portugal; certeza, certamente, determinada por uma segura — linha de rumo.

Anúncio no «Povo Algarvio»

potência. Não conseguis fazer arte? Fazeis política. Não conseguis fazer obra que dure? Intrigais. Não conseguis audiência por mérito? Grilais... Pois bem. Devo dizer-vos que ninguém me imcumbiu de vos pôr a nu. Agora que já se decretou que o «Luar» é obra prima que vale cinquenta contos, posso informar que também concorri ao prémio Gulbenkian. Fui um dos vinte restantes. Se tendes a coragem de arrostar com a opinião de escritores, artistas e artistas que não fazem mas sentem a arte, declarai publicamente quais as obras e autores que concorrem ao prémio de teatro. De gente que não leia cartilhas, porque a arte não tem cartilhas,

Concorri com o «Príncipe de Sagres». Citali os restantes.

Entretanto, podeis continuar grilando. Mas cautela com o gri-gri, porque grilar nunca hei-de fazê-lo e quedarme também resignado perante o vosso canto «canto» ainda menos... Pontífices bafientos da literatura nacional, gente sem coragem para falar claro, belo e duro, daqui vos prometo que vos hei-de pôr a a nu e dar banho, embora haja que usar máscara contra vossos suspeitos odres...

Continuação da 1.ª página

bales nos dias de nordeste, ouvem-se oboés se o levante se agita no fundo da orquestra e, expressas as primeiras frases musicais, começa o alegre matinal das aves que recitam a oração matutina.

Ouve-se o coro dos pardais chilreando na beira dos telhados, nas palmeiras dos jardins, no asfalto da rua ou empoleirados em qualquer parede: pipilam em surdina, alargam em trilos joviais, subindo em volata, ao levantarem voo.

As andorinhas, aos milhares, dão os tons mais agudos, prendem a cada um o tinir metálico duma alma feita de ânsia de infinito, como gota de água onde cabe o céu cheio de sóis.

Tinam os sinos enviando grinaldas de sons que ondeiam no ar: repiques dos sinos de Sant'ago, em ritornellos graciosos enfeitam manhãs dominicais, os dobres do sino grande de Santa Maria, ao pôr do sol do Outono com nuvens de rebordos arredondados e pardos, parecem comentários ao «Dies Irae». Os sinos de S. Francisco em tardes floridas de cinerárias, quando chamam à Ordem, desfolham pétalas do céu sobre a alma dos crentes.

O chalar das crianças, o assobiar, a distância, do garoto que já dobrou a esquina, o galrejar contínuo das mulheres na lavadouro, a lota e a azáfama do mercado, as sereias demoradas e alegres tomam à sua conta o adágio da partitura.

As fontes, chorando lágrimas nascidas no coração da terra, cantam o scherzo eterno, mavioso no Cano ou no Ribeirinho, dolente e morno quando na Atalaia, forte e ressonante na bica da Praça.

Na cavatinas do entardecer as aves retornam dos compassos de espera: as andorinhas da Galeria e da praça, as do Correio e de S. Francisco atacam em grande composição orquestral que só termina para deixar adivinhar o roçar das asas das pombas que sobrevoam as casinhas brancas da Atalaia enfiadas umas adiante das outras como contos dum rosário de marfim.

Depois, o manso chapejar da água no cais. Cada onda da maré enchente traz recados das rochas longínquas, submersas e felizes, às lajes das escadinhas, humildes e todos os dias pisadas.

Perto borbulha o Gilão mostrando a claridade do céu à água que só conhecia o escuro interior da terra.

VENDE-SE

Guarda - prata e mesa elástica, em mogno. Nesta Redacção se informa.

As cornetas do Quartel, que nota de vida e cor põem na orquestra do dia! Nas horas longas do Verão, ouvi-las lá para o fundo da Atalaia, activas e alegres, tão ricas de alacridade e expressão, é recordar, não a guerra, mas a calma serenidade do patriarcal viver de outro tempo.

A noite, a marcha do recolher era o rondó final da partitura.

Calavam-se as guiseiras dos carros, as businas e sereias, e o apito do correio anunciava horas mortas.

A treva nocturna, com o dedinho nos lábios, impunha o silêncio.

Só longe e tarde algum cão, latindo a distância, acutilava o sossego da noite.

Vinha então a chuva, mansinho, dizer segredos à vidraça fria, contar os encantos duma noite de Inverno em que o vento comanda os bailados das árvores, as cavalgadas das nuvens ou, fazendo descer o pano dum aguaceiro pesado, descobre um palco de estrelas.

E o vento, como o Rei dos Auenes da balada alemã, passa a galope e leva a alma da gente embrulhada no capote, em busca da imensidade e da aventura.

Nas noites de Verão a chuva descansa no casulo das nuvens, ou recortada nas águas do mar. Não bate à janela. Vêm recados das rosas e dos junquinhos distarçados em perfumes.

Os perfumes das flores, ténues como silfos, censuram os que dormem:

— Como podem ficar em casa, se o sossego da noite, imagem da solidão e da ignorância, nos acomete de conforto mais calmo que o que proporcionam as músicas do dia?

Agradecimento

A família de António Germano Lopes, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e a todos que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

VENDE-SE

Propriedade rústica no sítio da Capelinha.

Dirigir propostas até 31 de Janeiro a Eng. José Mansinho da Graça, Praça do Príncipe Real, 6-2.º-Dt.º — Lisboa.

Vende-se

Prédio urbano em Tavira com os n.ºs de polícia 31 e 33 da Rua Dr. Parreira e 66 a 70 da Rua José Pires Padinha.

Dirigir propostas até 31 de Janeiro, a Eng. José Mansinho da Graça, Praça do Príncipe Real, 6-2.º-Dt.º — Lisboa.

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

A Pátria não é peça de jogo nas mãos de desordeiros

Continuação da 1.ª Página

nós não desarma nem dorme, antes pelo contrário, procura sobre qualquer pretexto fomentar a discórdia e aumentar o perigo.

A luta que a Nação trava e desenvolve em todos os sectores onde é atacada não é apenas a luta dum povo que quer defender a todo o custo a sua liberdade e o dom precioso da sua independência, mas esta luta tem raízes mais profundas que transcendem o espaço-tempo é a luta pela perenidade da Pátria, pelas suas gloriosas tradições, por aquilo que ela representa de perdurável e de eterno.

A Pátria é como tal uma realidade intangível, viva e está revestida do sagrado e um ataque contra ela perpetrado, constitui uma profanação e um sacrilégio, e em vista disto, é preciso que todos os que acreditam na «res sacra» que é a Pátria a defendam dos seus inimigos para que não conspurquem a sua face.

Todo o português que se preze, não deve consentir que em seu espírito se instale a semente do desânimo. Alerta português, um cerrar fileiras à volta da Pátria é a condição suprema para que esta sobreviva e não seja atinjida na sua integridade. Não podemos nem devemos ficar indiferentes em face das manobras insidiosas praticadas por portugueses que lutam sem o mínimo de escrúpulos e de vergonha contra a sua própria Pátria, pondo-a na iminência da guerra civil, à mercê da insegurança e intranquilidade públicas que só aproveitaria aos instintos imperialistas dos mandatários de Moscovo numa ânsia de sorvedores de nações.

A Pátria não é peça de jogo, nem devemos consentir que esta seja posta em cheque por desordeiros, semeadores de tumultos da arruaça e por certas reivindicações de carácter tendencioso e obscuro. A Nação só progredirá com confiança, rumo ao futuro, com o trabalho, a ordem e a tranquilidade nas ruas, não é pois, com «vivas» e «morrás» que isto se consegue.

Se por ventura, cair nas vossas mãos um panfleto subversivo incitando à desordem e à luta de classes, rasgai-o.

Se por acaso, chegar aos vossos ouvidos o tal boato maligno, lutai para que ele não prossiga a sua marcha infame.

A hora que passamos é de esclarecimento e de elucidação da opinião pública, que esta se faça a tempo e horas com oportunidade e lucidez, para que o inimigo não vá minando a nossa boa gente trabalhadora com as suas promessas e os seus propósitos anti-nacionais para fomentar a anarquia e a demagogia.

Embora esses traidores sejam uma escassa minoria, o joio poderá contaminar toda a seara. Disse alguém que «quem se nega a servir a Pátria deve negar-se a receber a herança da sua grandeza». Para o português dos nossos dias «servir a Pátria é tornar-se contemporâneo dos que fundaram e dos que hão-de continuar pelos séculos fora».

Com efeito, para os portugueses leais de «antes quebrar que torcer» há um só caminho, servir devotadamente a Pátria e só assim poderão continuar a epopeia daqueles que fizeram a sua glória e grandeza.

As insídias e às provocações dos traidores devemos contrapor o nosso claro e inequívoco patriotismo, conscientes que hoje livres podemos, galhardamente, combater ao lado daqueles que cada vez mais afirmam a liberdade e a continuidade de Portugal em terras de Angola.

O Caminho e a Estrela

Continuação da 1.ª página

dade. Filho, neto, tetaranelo de reis, preparado para o officio desde a mais tenra idade, educado pelos educadores mais competentes, alguma coisa lhes falta às vezes: A estrela dum ideal para o guiar, o animal dócil dum povo para conduzir.

Quando o rei antigo não sentia verdadeira vocação — não enxergava a estrela — chamava para junto de si alguém com melhor visão governativa. No «maire de palais», temos um exemplo em Pepino de Heristal. No chanceler, temos o nosso chanceler Julião...

As modas inovam sempre e tivemos depois os secretários de mercês e os ministros. Substituíram reis sem aptidões, não deixando mal colocada a coroa.

A monarquia desgostou os povos por muita vez aninhar debaixo dos arminhos e púrpuras a tirania e a incompetência.

A poliarquia pareceu mais consentânea com os interesses da nação mas (há sempre um ou muitos «mas») destruiu-se pelo seu próprio princípio: muita cabeça, muita sentença, cada um puxava a brasa à sua sardinha e quando não surge no meio da confusão alguém com alma de chefe, vem a potência estrangeira estabelecer aquilo mesmo que se tinha em vista evitar.

Quando numa curva do caminho o governo consciencioso deseja saber a vontade exacta dos seus governados, recorre ao plebiscito. Mas já houve plebiscito que não fosse uma burla? Já houve plebiscito em que não surgisse o rei das conveniências a «preparar» a opinião pública, isto é, a levar o povo a optar pelo que não conhece ou pelo que no fundo não deseja?

Sem recorrer a plebiscito, os governos chamados democráticos servem-se das eleições.

Se remontarmos a pouco mais de há cinquenta anos, ao fim da monarquia, quando os votos estavam todos na mão do partido republicano e os colégios eleitorais eram convocados em vão, pela maior parte, havia urna monárquica que apresentava listas em número superior aos dos votantes; e aquele formoso quadro «comprando voto» lá nos mostra o respeitável senhor abade correndo os lavradores da freguesia à busca de voto para o seu amigo político.

Se o governo de um não serve e o de muitos também não, acabe-se com governo e cada um trate de si. É a liberdade! Pois é. É a liberdade do terrorismo.

O caminho a seguir está começado e vai correndo. Sempre cada vez mais é necessário que todo o homem civilizado conheça a estrutura política do seu país, como nação, e saiba empunhar o mando quando sentir em si vocação e aptidões.

Mas vocação e aptidões governativas não são a confiança em si mesmo e o desejo de fazer grandes coisas, somente.

Como aos Reis Magos a estrela que guia os governantes conscienciosos, fá-los esquecer os trabalhos e incómodos da caminhada penosa, aos tropeços com a incompreensão e o desânimo; fá-los entrar para o mando com as mãos cheias de generosidade para com os pequeninos e pobres e não com a avidéz de usufruir facilidades que garantam melhorias à sua própria condição e penas de pavão para enfeitar o seu pequeno corpo de pardal.

De resto, os grandes chefes,

Vende-se

Terreno para construção de prédios, bem situado na área da cidade.

Quem pretender dirija-se a esta Redacção.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Isabel Figueira, D. Maria Viegas Ventura e os srs. Dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho, Dr. Virgílio Passos e Benedito Reis Fortunato Dias.

Em 7 — D. Maria Leonor Falcão Bastos Pinto, D. Maria Pereira, D. Júlia Evas Duarte de Matos, meninos António José Laranjo Correia, António Joaquim Mendes Milharó e os srs. António Torres Martins e Jacinto Luciano Pereira.

Em 8 — D. Maria Olga dos Reis Silva, meninas Benedita Faustina, Maria Susana Miguel Soares e os srs. Túlio Vicente Correia Matos e Luis Rodrigues Coelho.

Em 9 — D. Odete Marília Peres Campos, D. Maria Julieta dos Santos, menina Maria Rita Trigo Torres, e o menino Carlos Manuel Ramos do Carmo.

Em 10 — D. Eulália Augusta Reis D. Maria Helena Correia Palmeira, D. Maria Virginia Graça, meninas Maria Celeste Castanho Soares, Maria Clotilde Duarte Correia, Maria Idalina do Nascimento, D. Oliva Alvarez de Sousa e os srs. Dr. Arnaut Pombeiro e José Agostinho Junior.

Em 11 — Menino Luis Filipe Romeira Canselra e os srs. João Higinio Gonçalves de Campos e Júlio Bemposta Junior.

Em 12 — D. Maria João dos Santos Correia e o menino João Marques de Campos.

Partidas e Chegadas

Por ter sido nomeado gerente da Agência do Banco Português do Atlântico, em Lagos, fixou residência naquela cidade, o nosso conterrâneo e assinante, sr. Carlos Alberto Baptista Peres, que anteriormente desempenhava o lugar de sub-gerente do mesmo Banco, na Agência de Faro. Por tal motivo o «Povo Algarvio» felicita o sr. Carlos Alberto Baptista Peres, com votos de muitas felicidades no desempenho do novo cargo.

— Com sua esposa, regressou a Lisboa, após ter passado em casa de seus sogros as férias do Natal, o sr. Dr. Arnaldo dos Santos Lança, meritíssimo Juiz do Tribunal da Boa Hora.

— Com sua mãe, foi passar as Festas do Natal e Ano Novo, a casa de sua irmã na Capital, o sr. Apolinário Damasceno da Fonseca e Silva.

— Esteve em Tavira onde veio passar a quadra festiva do Natal com sua mãe e irmão, a nossa conterrânea e assinante sr.ª Dr.ª D. Laura Mendonça residente em Lisboa.

— Com sua esposa e sogra regressou do Porto, onde foi passar a quadra festiva, acompanhado de sua filha, sr.ª D. Júlia Raimundo Martins da Costa e de seu neto menino Paulo João Raimundo e Horta, o nosso prezado amigo sr. Paulo Gonçalves Raimunda, funcionário de Finanças, aposentado.

Nascimento

No passado dia 1 do corrente em Aljezur, nasceu uma criança do sexo masculino, filho do sr. Sebastião Viegas Pacheco Mariano e da sr.ª D. Lucília Bárbara Severino, a quem foi dado o nome de António José Severino Mariano.

Foram padrinhos o sr. José Francisco Bento, e a sr.ª D. Maria da Graça Malveiro, estudante do Liceu Nacional de Faro e amigos dos pais do neófito.

Batismo

No dia 2 de Janeiro, foi registado na Conservatória do Registo Civil de Tavira, uma criança do sexo feminino ao qual foi posto o nome de Maria de Fátima Zacarias Correia Dourado, filha do sr. Otílio Fernandes Correia Dourado, funcionário do C. T. T. e de sua esposa sr.ª D. Teresa de Jesus do Carmo Zacarias, professora oficial do ensino primário.

Foram padrinhos o avô paterno sr. Manuel Correia Dourado, funcionário corporativo, e o tio materno sr. José Joaquim Justino Zacarias, comerciante.

Capitão dos Portos de Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de S. António

Foi nomeado Capitão dos Portos de Faro e Olhão e interino dos de Tavira e Vila Real de Santo António, o sr. Capitão-tenente Vitor Sancho de Sousa Uva, distinto oficial da Marinha e nosso comprouviciano.

como os grandes artistas e os grandes sábios, trazem já consigo a estrela do seu próprio talento.

É um dever prepará-los mas uma hipótese conseguir encontrá-los, de longe em longe, nas vitrines das salas da História quando, anos volvidos, o futuro os percorre.

M. G.

Dos Livros

Proémio

É este o título do poema do poeta algarvio António Joaquim das Candeias Nunes, natural de Mexilhoeira Grande, que Panorâmica Poética Lusó-Hispânica deu à estampa no seu último número.

Figura portanto na colecção antológica de factos da lingua portuguesa e espanhola, um algarvio da moderna geração, na mais promissora estrofa literária.

Candeias Nunes é um poeta que sente o que escreve e embora cultor de uma nova escola é compreensível, os seus versos são pedaços da sua alma de artista.

Jornal da Panorâmica Poética, no desejo de mostrar ao mundo alguns valores ocultos, procura difundir o gosto pela poesia a arte contemporânea.

Os Testes, Balões-Sondas da Psicologia

O uso dos testes constitui, como se sabe, um dos mais fascinantes ramos da psicologia aplicada. Contudo, o público, em geral mal informado do verdadeiro alcance de certos métodos, tende, neste caso, a imaginar os testes como uma espécie de «Abre-te Sésamo» miraculoso, capaz de resolver todas as dificuldades e de apontar todos os caminhos. Não sendo totalmente errado, este ponto de vista não leva em linha de conta que o uso dos testes está ainda, por assim dizer, na infância, pois que data apenas de 1917 a sua primeira aplicação sistematizada. Ciência nova, portanto, ainda nos seus primeiros tentos, mas que apresenta rica de possibilidades futuras. Como tal, é da maior importância a aquisição de conhecimentos seguros, de que se exclua toda a fantasia, sobre esta matéria que, mais que muitas outras, tem sido vítima de divulgações apressadas, mais pitorescas que científicas.

Esta obra de Gérard Klein, condensa em algumas dezenas de páginas o que sobre o assunto se sabe com segurança, excluindo todo o devanelo gratuito e não fechando os olhos às limitações que presentemente, ainda careciam o rigor que, por certo, os testes virão a usufruir no futuro. Trata-se pois de um livro honesto. Outro mérito não tivesse, que este seria já de ponderar. Mas por outro lado salienta o que de positivo se alcançou em todos os estudos feitos e as possibilidades ilimitadas que a experimentação anuncia.

Livro que deve ser consultado e meditado pelos educadores e chefes de empresa, pelos psicólogos sobretudo, «Os Testes, Balões-Sondas da Psicologia» interessa igualmente ao público em geral. Permite-lhe-à esclarecer as suas ideias e opiniões sobre o assunto, o que é importantíssimo numa época como a nossa em que a divulgação é par vezes um mal, dada a maneira anti-científica como é feita. O desenvolvimento do estudo de Gérard Klein pode deduzir-se dos títulos dos capítulos que a seguir se indicam: «A Seleção dos Homens», «Origem dos Testes», «As Características e o Método dos Testes», «As Provas Sensoriais e Motoras», «Testes de Inteligência e de Capacidade Intelectuais», «Os Testes de Personalidade» e «Dominio da Aplicação dos Testes».

Tradução de Eduardo Nunes dos Santos, (Editorial Estúdios Cor, 96 páginas, 20\$00).

Os Vodis

Nem sempre o êxito de um primeiro romance é favorável ao futuro do romancista. Muitas vezes, a obra futura é, por assim dizer, «ensombrada» por um triunfo inicial que não vem a encontrar confirmação. Daí a interessada expectativa com que a crítica e o público sempre esperam o novo livro de um autor cuja apresentação tenha sido um sucesso; daí as hesitações de muitos escritores em submeterem-se à nova prova que os aguarda.

Está na lembrança de toda a gente que pelas letras se interessa, o acolhimento verdadeiramente triunfal que mereceu o primeiro romance de John Braine — Um Lugar ao Sol — com a sua análise forte e implacável de um ambicioso, história que os espectadores de cinema puderam ver, mais tarde, na adaptação cinematográfica que foi exibida em Portugal com o título de «Um Lugar ao Alto Rodas». Este duplo êxito torna, pois, mais «arriscado» o segundo livro de John Braine. Iria este seguir pelo caminho mais fácil, glosando o tema e a técnica já utilizados? Teria o romancista a coragem de se renovar?

A resposta a estas perguntas encontramos las em «Os Vodis», o novo livro de John Braine. Por ele se vê que o Autor escolheu deliberadamente o caminho mais difícil, e que essa escolha, afinal, repete o êxito de «Um Lugar ao Sol». «Os Vodis» é a história de um jovem inglês de trinta anos que durante o seu internamento num sanatório e julgando-se condena-

Vacinação de Canídeos

O horário da vacinação de cães no concelho, é o seguinte:

Na freguesia de Santa Maria, dia 7, às 10 horas, no Mercado Municipal; S. Tiago, dias 8 e 9, às 10 horas, no Mercado Municipal; St.ª Catarina - Alcaria do Cume, em casa de Custódio Pereira, dia 10, às 14 horas; Luz - Livramento, dia 11, às 10 horas; Luz - aldeia, dia 12, às 10 horas, na sede da Junta de Freguesia; Cachopo, dia 13, às 10 horas; Santa Maria, dia 14, às 10 horas; Luz, dia 15, às 10 horas; S. Tiago, St.ª Luzia, dia 16, às 10 horas, na Sociedade Columbófila; Luz, dia 17, às 10 horas; St.ª Estêvão, dias 18, 19 e 20, às 10 horas; St.ª Catarina, dia 21, às 9,30 horas; Conceição - Corte António Martins dia 24, às 10 horas; Faz-Fato, dia 24, às 13 horas e aldeia, dias 25 e 26, às 10 horas; St.ª Catarina, dia 27, às 9,30 horas.

De 28 de Janeiro a 12 de Fevereiro, no gabinete médico-veterinário, no Mercado Municipal.

Jornal Feminino

Dedicado ao Natal fez publicar um excelente número com escolhida colaboração e magníficas fotografias.

À sua ilustre Directora endereçamos as nossas felicitações.

Lellão de remessas transportadas por Caminhos de Ferro

No dia 14 de Janeiro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os srs. consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Secção de reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 12 de Janeiro, das 10 às 17 horas, excepto aos sábados.

Nas estações estão afixados avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

VENDE-SE

A quarta parte da horta que pertenceu a António da Varranda, na Meia Arraia, herança de sua neta Maria Anísia V. Romeira.

Tratar com Manuel Prado — Tavira.

Propriedade

Vende-se uma quarta parte da propriedade denominada «Azeda», junto ao mar.

Recebe propostas, Julieta Gil — Santa Rita.

Vende-se

Uma casa com quintal, poço, árvores de fruto e terreno para semente, na Travessa dos Machados, 31, em Tavira e uma courela no sítio de Padre Maia.

Quem pretender dirija-se a Joaquim dos Santos, Rua da Liberdade, 12, nesta cidade.

do pela doença, evoca a sua infância e a sua adolescência, para nelas procurar a origem e a explicação da má sorte que o atingiu e que ele encarna, não sem uma complacência um tanto mórbida, nessas pequenas personagens malélicas e imaginárias a que chama os Vodis.

Este livro estranho é, ao mesmo tempo, um «comentário» extremamente animado e colorido da vida inglesa de província e da existência num sanatório. Com esta obra John Braine confirmou todas as qualidades que o seu primeiro romance patenteara e que fizeram dele um dos primeiros ficcionistas ingleses da actualidade.

Tradução de Daniel Gonçalves. (Editorial Estúdios Cor, 317 páginas, Esc. 35\$00).

MODISTA

FATOS-CASACOS - VESTIDOS

Execução de toilletes para casamento

— Maria Vivellina Cruz —

R. D. Paio Peres Correia n.º 16

TAVIRA

O Prof. Paulo Cunha deu agora, ao tomar posse do alto e espinhoso cargo de Reitor da Universidade Clássica de Lisboa, mais uma magnífica lição não só da sua fulgurante inteligência mas também do seu vibrante patriotismo e da sua profunda vontade de bem servir a Nação. Todos sabemos já que a cátedra e a vida pública revelaram a nacionais e estrangeiros o enorme valor da sua capacidade intelectual. Com o professor, o Doutor Paulo Cunha tem a admiração de todos os que com ele aprenderam e aprendem.

por Marino de Carvalho

GAZETILHA

PROFECIAS

*Ano Novo, vida nova.
Lá foi de caixão à cova,
Para o Inferno talvez,
Esse velho de má raça.
E ao clamor da população
Nasceu o sessenta e três.*

*Num ambiente de gozo,
Salpicado de espumoso,
Em confusão barulheira.
Eis a criança travessa,
Que surge como promessa
No meio da bebedeira...*

*E naquele reboliço
Tomou logo o compromisso
Do progresso cidadão:
Vamos ter um hotel novo,
Um cinema para o povo,
Ponte pra praia e casino.*

*Um relógio pontual,
Que marque hora oficial
Dará a nota distinta.
E pra maior sensação
Volta à liça o arrastão
Que arrastou todos na tinta...*

*Um balneário termal,
Um estádio municipal
Faz-se a dragagem do rio.
Serão pintados, enfim!
Os cadeirões do jardim,
Todos de fio a pavio.*

*O Turismo arma barracas
Na praia, e coloca placas
De chamarriz algarvio.
Há descobertas sortidas
Nas velhas e careomidas
Paredes do Montepio.*

*Deixemo-nos de dichotes.
Todo o lixo dos caixotes
Que à noite a cidade aspira
Embora pouco saudável,
Fica à guarda respeitável
Do Público de Tavira.*

Zé da Rua

VENDE-SE

Um prédio na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.º 81 e 83, com rés-do-chão e primeiro andar, estando o rés-do-chão alugado e o primeiro andar com chave na mão. O rés-do-chão tem 3 casas com quarto de banho e quintal, e o primeiro andar tem 6 divisões. Só se recebem propostas em carta fechada, durante o corrente mês, com a mesma direcção e n.º 83. Caso não convenha não entrega.

expressar com nitidez, nos estudantes, nos verdadeiros estudantes (que são os profissionais e os dirigentes de amanhã) eu vejo sempre gente amiga, que merece simpatia, respeito e consideração.

Olho com espírito e compreensivo e de bom entendimento as suas aspirações e reclamações, quando justificadas e consentâneas com os interesses da educação, da disciplina social e, sobretudo, disso que é valor supremo: o interesse da Nação.

Nestas oportunas e judiciosas palavras o novo Reitor da Universidade Clássica de Lisboa exprimiu sentimentos e propósitos de actuação dirigente sobre os quais todos temos que proclamar a nossa mais sincera adesão.

Está neles um autêntico programa de conduta,

Acima de tudo, inultrapassavelmente, o Prof. Paulo Cunha coloca o interesse da Nação.

Foi bom que Sua Ex.ª, falando aos estudantes, lhes tivesse dito palavras como as que deixo transcritas.

Elas penetrarão a inteligência e o coração da Generosa Mocidade Universitária que as escutou — dessa Mocidade que passa na vida de uma Pátria que não morre.

FUTEBOL CHAMADA

Campeonato Nacional da I Divisão

Olhanense 2 — Guimarães 0

Todos os intervenientes neste jogo (jogadores, trio de arbitragem e público), podem-se considerar uns autênticos «heróis». Quem não assistiu ao embate entre algarvios e minhotos, de baixo de grande vendaval e disputado num verdadeiro charco, impróprio para um desporto como o futebol, julgará exagero na maneira como consideramos este jogo. Não aumentamos nem diminuímos. O critério do árbitro foi realizar a partida; o nosso, seria adiar o jogo; mas, ao fim e ao cabo, ele veio a realizar-se nas piores condições climáticas. Ao esforço estóico dos jogadores das duas equipas, juntou-se a assistência que, sofrendo e aguentando a intempérie, lá se conservou até ao fim dos 90 minutos, incitando e encorajando os jogadores de Olhão. Valeu a pena este sacrifício.

Do jogo, pouco há a acrescentar; venceu quem soube tirar partido dos primeiros 45 minutos em que a preparação física ainda estava intacta; depois, o desgaste, próprio destes jogos-lotaria, acabou por tirar toda a movimentação inicial.

Filhó, Nunes, Reina e Casaca foram as melhores pedras do Olhanense; Santos, Caiçara e Lua, foram os elementos mais em evidência nos vimaranenses. Gancho e Tonho foram os marcadores dos golos.

Boa arbitragem do sr. Dr. Décio de Freitas.

Campeonato Nacional da II Divisão

Lusitano 5 — Montijo 1

Houve «acerto de agulhas» no Campo Francisco Gomes Socorro. Na verdade, vencer por margem tão grande um grupo com personalidade no sector defensivo, é algo de extraordinário e o Lusitano conseguiu-o.

Seixal 2 — Silves 0

Os vencidos defenderam-se com garra. Com um golo em cada tempo acabaram por perder frente a um conjunto superior.

Portimonense 1 — Peniche 1

Este jogo, inicialmente marcado para domingo passado, veio realizar-se, por virtude do mau tempo, na quarta-feira.

Vitorioso na jornada anterior, em Faro, o Portimonense não conseguiu manter o mesmo ritmo e acabou por perder um ponto no seu campo.

Jogos para hoje:

I Divisão

Sporting — Olhanense

II Divisão

C. da Piedade — Lusitano

Silves — Alhandra

Farense — Seixal

Luso — Portimonense

1. C.

TOTOBOLA

17.ª Jornada 13/1/63

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Benfica — Sporting	. . . x
2	Porto — Belenenses	. . . 1
3	Atlético — Leixões	. . . x
4	Cuf — Guimarães	. . . 2
5	Académica — Lusitano	. . . 1
6	Ac. Viseu — S. Ligeiros	. . . 1
7	Marinhense — Varzim	. . . 2
8	Boavista — Beira-Mar	. . . 2
9	Montijo — C. Piedade	. . . 1
10	Alhandra — Farense	. . . 1
11	Sacavenense — Luso	. . . x
12	Torreense — Oriental	. . . 1
13	Portimon. — Portaleg.	. . . 1

Jorge Cruz

*Ja soam campainhas
e o som que vem de longe
cada vez está mais perto
e cada vez mais forte a retimir
Numa febril azáfama se prepara.
São ordens do Senhor, há que as cumprir.
Que luta, que pressa tem, para chegar à hora,
que de longa data está marcada.
— «Queres vir comigo? E tu porque não vens!
Há! não eras tu, desculpa lá
não tens talvez a data ainda da chamada».
E desevolta, feliz,
se move todo o dia, daqui para acolá.
No seu colo, ha a graça do cisne
e o seu rosto sonhador, contempla o sol,
a vida, a luz, o enleio dum amor
que mal começa e lho arrebataram ja.
O seu nome, a última palavra
dita no limiar da Eternidade!
E' cumprida a sentença, que o duro destino lavra.
Recordações, magoas, a grande dor
de ter perdido o pai, tudo ficou p'ra traz,
E' a hora da presença no Além.
Aceita num carinho, toda a nossa saudade
Adeus Manuela
a vida é breve e a morte vem.*

Tavira, 17/1/1962

Maria Leonor Gomes de Mello e Horta

Luís Forjaz Trigueiros

NASCIDO em 1915, Luís

Forjaz Trigueiros começaria a pensar, numa época em que, de um lado, a desordem intelectual, de outro a desordem política, se iniciava um esforço de resistência pró-ordem. Por resistência pró-ordem entendemos o tempo em que uma ideologia se tornou activa, cena de 1935, nessa publicação que se chamou «Bandarra» e onde se reuniram notáveis elementos do pensamento portuguêsista, entre eles João Ameal, Caetano Beirão, Domingos de Mascarenhas, Alfredo Pimenta, etc. etc.

Entre eles, Luís Forjaz Trigueiros seria, possivelmente, o mais novo. Nesse tempo proclamava Alfredo Pimenta:

«Não são pois as ideologias que me levam a encarar com o franco pessimismo o vasto campo da literatura portuguesa, são as manifestações desta. A qualidade excelente de meia dúzia de individualistas opõe-se a quantidade esmagadora dos nulos e pedantes».

Que relações havemos nós de estabelecer entre estas palavras de Alfredo Pimenta e o futuro magistério crítico de Luís Forjaz Trigueiros ora reunido em *Prespectivas*?

Verdade é que foi neste tempo de insuficiência crítica que entre os mais novos, Forjaz Trigueiros se salientou. Vinte anos: doutrina escrevendo Crítica Literária, (e mais tarde teatral, de que viria a sair um volume intitulado *Pátio das Comédias*), levando até às colunas de *Bandarra* um número escolhido de grandes vultos estrangeiros cujos depoimentos são, hoje, valiosa fonte de consulta. Aos Vinte e um anos em estreia, dava uma ideia clara dos caminhos formais que a nossa novelística havia de tomar, através de uma rebusca mais cogitada dos nossos temas e das nossas gentes.

O livro de estreia intitulou-se «Caminho Sem Luz», novelas que procuram a experiência social e individual como leitões imprescindíveis à criação romanesca. Nesse aspecto, Luís Forjaz Trigueiros é um escritor de acção.

Aliás, no prefácio que mais tarde escreveu para *Ainda há estrelas no Céu*, ele disse, referindo-se a si mesmo:

«Mas sabe também que (...) escrevi com a sua própria carne, que eles são produto, quase sempre, de uma experiência e que só essa experiência, afinal, pode justificar a obra de arte».

Estas palavras semi-revelam muita coisa, indubitavelmente. Mas é certo que, devido não



Misericórdia de Tavira — Serviços clínicos no mês de Janeiro:

Enfermarias — Drs. Jorge Correia e Ramos Passos.

Consulta externa — De 1 a 15, Dr. Jorge Correia, às 8 horas, De 16 a 31, Dr. Ramos Passos, às 17 horas.

Consulta dispensário do I.A. N.T. — De 1 a 15, Dr. Ramos Passos, às 17 horas, De 16 a 31, Dr. Jorge Correia, às 8 horas.

Cirurgia geral — Consulta em 19, pelos Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Profilaxia mental — Consulta em 26, pelo Dr. Manuel da Silva, às 15 horas.

Oftalmologia — Consulta em 11, pelo Dr. Artur May Viana, às 9 horas.

Teatro António Pinheiro —

— Espectáculos da semana Hoje apresenta, para maiores de 12 anos, *Jerusalém Libertada*, com Sylvia Koscina e Francisco Rabal, em cinema-cope-ferranicolor.

Quinta-feira, em espectáculo para maiores de 12 anos, *O Diabo Branco*, em cinema-cope-eastmancolor, com Steve Reeves e Geórgia Moll. Em complemento *Os Dezoito Anos*, também cinema-cope-eastmancolor, com Marisa Allasio e António de Teffe.

Sábado, para maiores de 12 anos, *O Melhor dos Inimigos*, em cinema-cope-technicolor, com David Niven e A. Sorli.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Simplício.

sabemos a que razões, o carácter reflexivo de Forjaz Trigueiros sempre caminhou à frente do carácter sensitivo que é apanágio do ficcionista. De facto, tal ocorrência, talvez possa encontrar nas palavras que, certa vez, o autor em causa comunicou a um jornalista quando foi por este entrevistado:

«Com o correr dos anos, escrever passou a ser para mim, a forma mais natural de responder à necessidade de comunicação comigo próprio e com os outros. Escrevendo, explico o pensamento com mais clareza do que falando».

E terminava: «Se regressar à ficção, não é porque me afaste das minhas predilecções críticas mas antes porque penso que um escritor só deve falar quando tem alguma coisa a dizer»...

Pinharanda Gomes

Recordemos estas ponderadas palavras do Prof. Paulo Cunha:

«Uma cousa liminar desejo